

MARIA E O MISTÉRIO DE CRISTO E DA EUCARISTIA

Prof. Dr. Pe. Pedro Alberto Kunrath – PUCRS
Pe. Carlos Luiz Bacheladenski CM¹

A vida da Igreja encontra no mistério eucarístico, “sacrifício, memorial e banquete”, a sua fonte inesgotável de graça para celebrar o sacramento da paixão, morte e ressurreição de Cristo, para viver a experiência do encontro pessoal com o Senhor, para construir a comunhão eclesial sobre o fundamento sólido da caridade e pregar a glória futura das núpcias do Cordeiro. Na vida da Igreja, tudo culmina no mistério eucarístico, meta final de todas as suas atividades: da catequese à recepção dos outros sacramentos, da devoção popular à celebração da divina liturgia, da meditação da Palavra de Deus à oração pessoal e comunitária. A Eucaristia é o coração da comunhão eclesial. E Maria, a mulher eucarística, que, desde quando deu o seu ventre virginal na encarnação do Filho de Deus “*Ave verum, corpus natum ex Maria Virgine*”, estabeleceu para sempre uma relação exclusiva com o mistério eucarístico. Em Maria, a Igreja contempla, não somente o seu modelo mais perfeito, mas também a realização an-

¹ Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia da PUCRS, padre da Congregação da Missão, atualmente formador da sua Congregação. Este artigo escrito a duas mãos, por ocasião do Ano Eucarístico que, no Brasil, se estenderá até maio de 2006, quando da realização do Congresso Eucarístico Nacional, em Florianópolis/SC.

tecipada do novo céu e da nova terra; e a Igreja encontra um novo impulso, para que a Eucaristia seja sempre mais a fonte e o ápice de toda a sua vida e missão.

1 A Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja

Muito cedo Maria tornou-se “figura” de veneração na comunidade cristã, e o culto à Mãe de Deus cresceu sensivelmente através dos séculos. A devoção a Maria é fundamental para a espiritualidade e para a arte da tradição católico-ortodoxa; e assim a teologia, no decorrer dos dois mil anos de cristianismo, soube sempre ensinar que Maria faz parte da História da Salvação. E essa história tem a ver com a experiência humana, a experiência cristã de fé como expressão originária e genuína das atitudes cristãs e do fazer teológico. Já no ano 150 d.C., um afresco da Virgem e o Menino Jesus foi pintado nas catacumbas de santa Priscila em Roma. Orações, hinos, cânticos, devoções e festas foram compostos em sua honra e homenagem. Igrejas, catedrais, Ordens religiosas, irmandades e até anos santos recebem seu nome. Todas se lhe dirigem e a celebram sob uma variedade de nomes: Virgem, Mãe, Senhora, Rainha, Advogada, Refúgio... Descrevem-na enérgica, forte e independente e também terna e compassiva.

É significativo que a Constituição dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II sobre a Igreja tenha saído com um capítulo dedicado à Virgem Maria. Não é que antes se desconhecesse a relação entre Maria e a Igreja. Os Padres da Igreja afirmam que “*Maria é tipo da Igreja*” (Santo Ambrósio) e que a Igreja “*é muito semelhante a Maria*” (Santo Agostinho). E muitos aplicavam os mesmos símbolos bíblicos a Maria e à Igreja. Assim, ambas são por eles descritos como a Nova Eva, a Filha de Sião, a Porta aberta ao Paraíso, a Arca da Aliança, a Cidade de Deus, a Mulher forte do Livro dos Provérbios, a Mulher vestida

de Sol e vitoriosa sobre o dragão do Apocalipse. Com a *Lumen Gentium*, porém, é a primeira vez em que, num documento oficial da Igreja, vem inserida uma doutrina orgânica sobre Maria num contexto eclesiológico.

Foi uma decisão muito contestada. De fato, por vários motivos, um grupo numeroso de Padres conciliares (também uma parte da própria Comissão teológica encarregada de preparar o documento) preferia um tratado sobre Maria distinto daquele sobre a Igreja (para não “minimizar”, diziam, as prerrogativas especialíssimas de Maria). Mas o resultado final de um capítulo sobre Maria como parte integrante da Constituição sobre a Igreja espelha o desejo da maioria dos Padres conciliares de apresentar um quadro orgânico e harmonioso da História da Salvação, no qual Maria não se encontra desligada, antes, plenamente inserida. Comentando esse fato, o cardeal Agostinho Bea, em janeiro de 1964, dizia que Maria aparecerá a nossos fiéis do século XX na mesma luz como aparecia à Igreja dos primeiros tempos, como o mais elevado membro da Igreja e, ao mesmo tempo, como o protótipo e o símbolo da grandeza e da plenitude da Igreja. As relações entre Maria e a Igreja são, pois, muitas e profundas. E é a um tempo seu membro, modelo e Mãe (cf. *LG* 53). Considerando-a em relação ao Povo de Deus, emergirá, sobretudo, a dimensão profética e libertadora de Maria na História da Salvação; considerando-a em relação ao Corpo Místico, a sua função materna; ao conceito Igreja-Esposa, Maria é o tipo da Igreja e seu cumprimento; por fim, Maria como modelo da vida cristã de fé, esperança e caridade.

O Concílio Vaticano II dá uma orientação geral importante para a estruturação da Mariologia. Convoca a superar uma Mariologia isolada, onde se fazem afirmações fora do contexto histórico-salvífico, e integrá-la no conjunto do dogma, mostrando claramente seu caráter cristocêntrico e eclesial. O interesse por um princípio fundamental na Mariologia é fruto da necessidade de um princípio básico que lhe dê unidade e clareza, ilumi-

nando sua ligação com todo o edifício da fé. Um princípio que não seja simplesmente metafísico, mas que proceda da fé e esteja ligado a todo o seu patrimônio.

2 Maria e Cristo: uma relação íntima

A maternidade divina constitui o núcleo da Mariologia, pois a maternidade divina é o acontecimento central na vida de Maria, Mãe de Deus, sintetizando o seu papel histórico-salvífico e a orientação de toda a sua vida. Maria é toda relativa a Cristo e, a partir de Cristo, relativa à Igreja (cf. *LG* 52-53): é Maria no mistério de Cristo e da Igreja. Ora, se Jesus Cristo é o centro do cristianismo, Maria é central, por ser a pessoa que está mais próxima desse centro. Nesse centro devemos entender Maria inserida no mistério salvífico, na economia da Salvação. Maria é a pessoa que Cristo mais incluiu em sua obra redentora, expresso por Santo Arquelau, Bispo de Cascar e Diodoris, em 277. “Se, como dizes, Cristo não nasceu, também não sofreu, pois o sofrer é impossível a quem não nasceu. Se ele não sofreu, é necessário fazer desaparecer até o nome da cruz. Suprimindo-se a cruz, Jesus não ressuscitou dos mortos. Se Jesus não ressuscitou dos mortos, ninguém ressuscitará. Se ninguém ressuscitará, não haverá julgamento, pois é certo que, se eu não ressuscito, não serei julgado. Se não deve haver julgamento, é em vão que se hão de observar os mandamentos de Deus; não há como nos obrigar a isso: ‘comamos e bebamos, pois amanhã morreremos’. Todas estas coisas se encadeiam para aquele que nega que Jesus tenha nascido de Maria. Se, ao contrário, confessas o nascimento de Cristo de Maria, a paixão o segue necessariamente; a ressurreição à paixão; o julgamento à ressurreição; e todos os preceitos das Escrituras estarão salvos. Não se trata, portanto, de uma questão vã. Ela contém muitas coisas nesta única palavra (*Theotókos*). Como toda a Lei e os Profetas estão contidos no duplo

preceito, assim também toda nossa esperança está suspensa no parto da bem-aventurada Maria²”.

A expressão Virgem-Mãe constitui uma fórmula breve de fé. Virgem – sinal da divindade de Cristo (nascido do Espírito Santo); Mãe – prova da humanidade de Cristo (no seio da Virgem Maria). Por isso Maria é tida pelos Santos Padres como o “*centro da ortodoxia e a regra da fé verdadeira*” (São Cirilo de Alexandria). O Concílio de Éfeso (431) definiu a maternidade divina como dogma de fé para a Igreja. *Theotókos*, Mãe de Deus, expressa a unidade pessoal de Jesus Cristo, enquadrando Maria na dimensão de toda a História da Salvação, apresentando-a como dom, missão, dignidade, ao unir a Mãe verdadeira com o Filho redentor (cf. *LG 53*), desde a concepção virginal ao mistério pascal de Cristo.

3 Maria no contexto bíblico do Novo Testamento – Síntese mariológica

a) *Marcos (escrito cerca do ano 60): Maria = mãe clânica ou carnal do Messias*

Em Marcos, Maria tem apenas um nome, não um perfil definido. É ainda uma figura “sem relevo”. Não tem uma personalidade, mas é mera função. “Quem é minha mãe?” (*Mc 3,33*); “Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, Joset, Judas e Simão?” (*Mc 6,3*). O mistério de Jesus é sentido como escândalo e não como loucura. Marcos nada diz sobre Maria ou de sua reação. A expressão “filho de Maria” é uma referência única e estranha no Novo Testamento. No resto dos evangelhos se dirá “Filho de José” (*Lc 3,23; 4,22; Jo 1,45; 6,42*). Mateus usa a fórmula indireta: “Sua mãe não se chama Maria?” (*Mt 13,55*).

² MOEHLER, J.A. *La Patrologie ou histoire littéraire des trois premiers siècles de l'église chrétienne*. T.II, p.262. As referências aos Santos Padres referem-se sempre a esta obra.

Conclusão: Marcos é ainda “ignorante” da grandeza de Maria e apresenta uma Maria “ignorante” da grandeza de Jesus. A lição que fica é que Maria começou a sua peregrinação da fé praticamente do nada, do ponto zero. E foi crescendo, a partir da obscuridade; ela fica reduzida à sua função biológica e social.

b) *Paulo (Carta aos Gálatas – escrita cerca de 56-57)*

Seu único texto mariológico é *Gl 4, 4-5*: “*nascido de mulher... e todos recebermos a dignidade de filhos*”. Talvez Maria ainda estivesse viva, quando Paulo escreveu a carta; contudo, ao referir-se a “nascido de mulher”, indica simplesmente a condição humana, especialmente seu aspecto fraco e mortal. Paulo diz exatamente “feito de mulher”, talvez para entender a preexistência de Cristo. Também expressa a *kénôsis*, a humilhação ou esvaziamento de Cristo que se fez servo (cf. *Fl 2,5-8*), sem maldição (cf. *Gl 3,13*), sem pecado (cf. *2 Cor 5,21*).

Conclusão: O interesse de Paulo é estritamente cristológico. Jesus é o foco, o centro, sendo Maria apenas a figura de contraste em relação à filiação divina. Além disso, Maria, nesse texto, permanece anônima. Maria só entra aí em função de Cristo, como instrumento quase impessoal de sua vinda. Maria faz parte da História da Salvação e está estritamente relacionada com o Filho e com seu envio. Ela serve de caminho para a vinda de Deus até nós, em seu Filho. Ela possibilita a adoção filial. Assim, essa mulher é também o caminho pelo qual vamos a Deus.

c) *Mateus (escrito cerca do ano 70): Maria = é a Mãe-Virgem do Messias Salvador*

No relato da genealogia de Jesus (cf. *Mt 1,1-17*), Mateus cita cinco mulheres: a) Tamar (cf. *Gn 38,15*), a falsa prostituta; b) Betsabéia (cf. *2 Sam 11,4*), com quem Davi adulterará; c) Raab (cf. *Js 2,1ss*), a prostituta estrangeira; d) Rute (cf. *Rt 4*), a estrangeira que casou com o velho Booz; e) Maria, a suprema irregularidade, a virgem que se torna mãe (cf. *Mt 1, 18ss*). De Abraão a Davi, de Davi ao exílio na Babilônia, do exílio a Jesus Cristo são 42 gerações. Abraão é o Pai dos crentes; Davi o fundador

da dinastia real e Jesus é o filho da história humana e da promessa divina.

Não se trata de grandes matriarcas, mas de mulheres vivendo em situação irregular ou excepcional. Mateus quer sublinhar que a História da Salvação é conduzida pela soberania de Deus e por mais ninguém. Maria aparece no relato como figura que rompe a linha genealógica. Ela é o ponto de inflexão a partir do qual tem início uma outra genealogia, a da nova humanidade.

No relato do anúncio a José (cf. *Mt* 1,18-25), Mateus concentra-se na questão da concepção virginal do Messias no seio de Maria: “*Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel*” (v.23). O foco central não é mariológico, mas cristológico. A concepção virginal diz respeito a Jesus, e só depois a Maria. Sua maternidade não é obra de José, mas do Espírito Santo.

Na visita dos Magos (cf. *Mt* 2,1-12), Maria aparece como a Nova Jerusalém e o novo Templo: “*Onde está o rei dos judeus, que acaba de nascer?*” (v.2); “*Viram o menino com Maria, sua mãe*” (v.11). Onde encontrar Jesus? Lá onde está Maria. É ela agora a sede ou o trono do novo Rei. Ela é o novo templo, onde habita Deus e onde é adorado. Os Magos encontram o menino e sua mãe. Maria, enfim, se mostra companheira inseparável do Filho; Maria participa da vida de Jesus e na obra salvífica do Messias numa extraordinária proximidade.

Conclusão: Maria emerge como uma personagem importante na História da Salvação. Ela é mais que mãe clânica, como em Marcos; tem uma relação privilegiada e mesmo exclusiva com Cristo. É toda cristocentrada, é inteiramente de e para Cristo.

d) *Lucas (escrito cerca do ano 80): Maria = mulher livre, a crente por excelência e a mãe do Messias*

Lucas enfatiza a figura de Maria como a mulher de fé por excelência. Antes, a Virgem aparece como uma mulher livre, que aceita consciente e responsavelmente a Palavra de Deus; depois,

ela surge como a Mãe do Senhor, precisamente a partir de sua aceitação na fé. Lucas é o evangelista que mais relata a presença de Maria nos evangelistas. Os mais significativos são três:

1) Anunciação (cf. *Lc* 1, 26-38): este texto ressalta a Virgem como centro e protagonista da cena evangélica; traça, da forma mais nítida, o retrato humano e espiritual de Maria; é o mais usado na liturgia; é o mais citado pelos Padres da Igreja; e retrata a cena mariana mais pintada pelos artistas. São João Crisóstomo apresenta Maria, nesse contexto, como a “obra dos séculos”, isto é, a Salvação do mundo. Santo Tomás de Aquino diz, entre outras coisas, que pela Anunciação se esperava o consenso da Virgem no lugar de toda a natureza humana. Maria é a cheia de graça e aparece como figura da liberdade humana, de uma liberdade que é poder de entrega, mas também de recusa. Ela vive a aventura dramática da liberdade, com seus cumes de luz, mas também com seus vértices tenebrosos. A Virgem emerge como imagem de uma liberdade concreta, que diz sim à Palavra de Deus. Por isso ela é a figura da fé, como ato de uma liberdade que se abre toda à oferta da graça e do amor.

2) Visitação (cf. *Lc* 1, 39-45): “*Naqueles dias, Maria partiu apressadamente*” (v.39). O levantar-se mostra a iniciativa autônoma de Maria de partir para as montanhas. O amor tem pressa. A Virgem é levada pelo amor, seja ao filho que traz no ventre, seja à parente (prima) em necessidade, seja simplesmente à vontade de Deus. Essa pressa é sinal de solicitude e disponibilidade. Na Visitação, a Virgem mostra o que significa ser uma serva/escrava em ação. Torna-se a primeira evangelizadora da Boa-Nova.

A saudação de sua prima – “*Feliz aquela que acreditou*” (v.45) – revela a identidade espiritual de Maria, a crente por excelência. “*Felizes os que, sem terem visto, creram*” (*Jo* 20,29) exclamará Jesus, o Ressuscitado.

3) Magnificat (cf. *Lc* 1, 46-55): é o canto da libertação messiânica. É o texto bíblico mais longo colocado na boca de

Maria. Aqui não se fala de Maria, mas é Maria mesma quem fala: fala de Deus e das maravilhas que realizou nela, no mundo e em seu povo. O Documento de Puebla, da terceira Conferência dos Bispos da América Latina, de 1979 (n. 297; 1144), declara este cântico “espelho da alma de Maria”; o “cume da espiritualidade dos pobres de Javé”, o “prelúdio do Sermão da Montanha”. A estrutura do *Magnificat* expressa a ação divina em Maria, como mensagem pessoal; a ação divina na humanidade, como mensagem social; a ação divina no Povo de Israel, como mensagem étnica.

Conclusão: temos, em Lucas, Maria com uma personalidade, mulher responsável, autônoma, determinada. Tem um rosto, um perfil, um caráter, uma identidade própria, de relação polarizada, tensa, mas profundamente acolhedora e fiel. É pessoa que caminha, cresce e se determina.

e) *João (escrito cerca do ano 90): Maria = mediadora da fé (Caná – Jo 2, 1-12), mãe da comunidade (sob a cruz – Jo 19, 25-27) e figura da Igreja e da Nova Criação (Ap 12)*

Maria em João é mais que mera personagem (missão) e até mais que uma personalidade (pessoa): é personalidade corporativa. Seu significado supera sua pessoa individual. Ela representa a comunidade eclesial, a humanidade salva, o cosmos redimido. A mulher-Maria de João transcende infinitamente a Maria de Nazaré. João coloca Maria nos dois momentos decisivos do ministério de Jesus: Caná representa o momento da inauguração da vida pública, e o Calvário é o momento culminante da hora de Jesus, a exaltação na cruz. João usa o simbólico para escrever; assim, devemos ler Maria com base de um sentido mais profundo, que é o sentido espiritual, místico, sobrenatural. Daí o princípio hermenêutico de Orígenes: “*Ninguém pode compreender o sentido do Evangelho de João a não ser aquele que repousar sobre o peito de Jesus ou receber Maria como mãe das mãos de Jesus*” (PG 14,29-32).

Jesus na cruz, ao usar a expressão “mulher”, quer indicar o sentido simbólico-místico da pessoa de Maria. Torna-se a figura-tipo da Igreja-mãe, a comunidade apostólica-missionária, que gera filhos para Deus, através da Palavra de Deus e dos Sacramentos. Ela é a nova Eva, como Cristo o novo Adão (cf. Justino e Ireneu). É a mãe carnal de Jesus e a mãe espiritual dos discípulos, é a mãe da Igreja, da comunidade de fé. Ela torna-se o ícone simbólico-teológico que supera a realidade da Maria histórica, a Virgem de Nazaré. Assim, Maria torna-se parte da identidade cristã. E o título de Maria, Mãe da Igreja, aparece no século XI com Berengário de Tours, mas foi somente declarado título mariano solenemente por Paulo VI, em 21 de novembro de 1964.

João, no Apocalipse, apresenta Maria na dupla condição da Igreja: condição humilhada e vencida no tempo; gloriosa e finalmente vencedora. O simbolismo está na Igreja que sofre as dores do parto mediante as perseguições para gerar Cristo nos corações. Maria na glória continua hoje sofrendo misticamente as dores de seus filhos e filhas, caminhando na história (cf. *Ap* 12,17). Essa dor/parto tem seu destino de vida/vitória. Daí a *Lumen Gentium* apresentar Maria como “*sinal de esperança segura e conforto para o Povo de Deus*” (LG 68).

Conclusão: percebemos, nesse contexto, uma evolução da figura de Maria no Novo Testamento: a fase oculta de Marcos como a mãe carnal ou clânica do Filho de Deus; a fase alusiva de Paulo; a fase positiva de Mateus e Lucas e a fase de aprofundamento de João. Nesse amadurecimento mariológico, a Igreja não inventou coisas sobre a Virgem, apenas descobriu dimensões de seu mistério e apresenta Maria como pessoa próxima de Cristo, membro mais eminente da Igreja, a qual recebe alguns privilégios como os dogmas de Mãe de Deus, Sempre Virgem, Imaculada e Assunta ao céu. Essas dimensões particulares de Maria estão a serviço de Cristo e tão-somente pelos seus méritos, não visam tanto honrá-la em sua pessoa quanto habilitá-la para servir ao mistério da Salvação. Ela está toda voltada para Cristo e seu

Reino. Ela é testemunha do Messias e de sua obra; é um ser todo relativo, um ser-de, um ser-com e um ser-para.

4 Maria: mulher eucarística

a) Igreja e Eucaristia

A Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, de João Paulo II (2003), apresenta e recorda que a Igreja vive da Eucaristia. Essa verdade não exprime apenas uma experiência de fé, mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja onde está contido o próprio tesouro da Igreja. “*A Igreja vive de Jesus eucarístico, por ele é nutrida, por ele é iluminada. A Eucaristia é mistério de fé e, ao mesmo tempo, ‘mistério de luz’*” (EE 6). É a síntese já formulada pelos Santos Padres nos inícios do cristianismo, quando se dizia que a Eucaristia faz a Igreja e, por sua vez, a Igreja faz a Eucaristia, retomada no século XX, quando do surgimento do movimento litúrgico moderno.

b) Maria e Eucaristia

Maria está de tal maneira ligada ao mistério eucarístico que mereceu que o Papa João Paulo II, na Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, justamente a chamasse “mulher eucarística” (cf. EE 53). Assim, devemos nos colocar na escola de Maria, a mulher eucarística, se quisermos redescobrir em toda a sua riqueza a sua relação íntima entre a Igreja e a Eucaristia. Ela se apresenta como Mãe e modelo da Igreja, que nos pode guiar para o Santíssimo Sacramento, justamente porque tem uma profunda ligação com ele.

“*Maria é mulher eucarística na totalidade de sua vida*” (EE 53), mesmo para além de sua participação física no banquete eucarístico da última ceia de Jesus com os seus (cf. Mt 26, 20.26-29 e paralelos), pois essa participação dá-se a partir de sua atitude interior, que marca toda a sua vida, mais que da participação ativa no momento da instituição do sacramento. Por sua vez, “*a Igreja, vendo em Maria o seu modelo, é chamada a imitá-la*”

também na sua relação com este mistério santíssimo” (idem). Maria praticou interiormente a sua fé eucarística ainda antes de ser instituída a Eucaristia, quando ofereceu o seu ventre virginal para a encarnação do Verbo de Deus; e daí o título de ser a Arca da Aliança, que contém o Santo dos Santos. A Virgem Maria teve consciência de ter concebido Cristo para a salvação de todos os homens.

c) *Fiat de Maria e Amém Eucarístico*

Na Encíclica sobre a Eucaristia lê-se: “*Existe uma profunda analogia entre o Fiat pronunciado por Maria, em resposta às palavras do Anjo, e o Amém que cada fiel pronuncia quando recebe o corpo do Senhor” (EE 55).* A Maria foi-lhe pedido para acreditar na obra do Espírito Santo, e na Eucaristia é pedido aos fiéis para crerem que aquele mesmo Jesus, Filho de Deus e filho de Maria, torne-se presente nos sinais do pão e do vinho com todo o seu ser humano-divino. Santo Agostinho ressalta: “Para Maria, ter sido discípula de Cristo foi mais do que ser mãe dele (...). Por isso também Maria é bem-aventurada, porque ouviu a Palavra de Deus e a guardou; guardou mais na mente a Verdade do que no seio a carne. Cristo é Verdade, Cristo é carne: Cristo Verdade na mente de Maria. Vale mais o que se carrega na mente do que o que se carrega no ventre. O parentesco materno não teria ajudado em nada a Maria, se ela não tivesse carregado Cristo de modo mais feliz no coração do que na carne”³.

d) *Maria prelúdio da Eucaristia*

Na saudação de Isabel, Maria ouve: “*Feliz aquela que acreditou” (Lc 1,45).* Maria antecipou também, no mistério da alegria da encarnação, a fé eucarística da Igreja. E, na visitação, quando leva no seu ventre o Verbo encarnado, de certo modo ela serve de “sacrário”, o primeiro sacrário da história, para o Filho de Deus (cf. EE 55).

³ CNBB. *Com Maria, rumo ao Novo Milênio.* São Paulo: Paulinas, 1998, p.92.

“*Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo*” (Lc 1,28). Maria é a mulher preparada, cheia de graça, imaculada antes de aceitar receber Cristo em seu ventre. Não se torna escopo de uma esmerada preparação para receber o Cristo, que nos vem através da Eucaristia? Uma preparação, através da confissão, de um bem-feito ato de consciência e arrependimento numa atitude de conversão? E o olhar extasiado de Maria, quando contemplava o rosto do Menino Jesus, recém-nascido, e o estreitava nos seus braços, não é porventura o modelo mais alto de amor em que se devem inspirar todas as nossas comunidades eucarísticas? (cf. *EE* 55).

e) *Maria e a dimensão sacrificial da Missa*

Ao longo de toda a sua existência, ao lado de Cristo, da encarnação ao nascimento, não encontrando lugar na hospedaria; da profecia de Simeão, no templo, de uma espada de dor que traspassaria sua alma; da fuga para o Egito até perder o menino em Jerusalém; da vida pública e não apenas no Calvário, Maria viveu a dimensão sacrificial da Eucaristia. Aos pés da cruz, viu e sentiu o drama do Filho crucificado. Preparando-se para o dia da morte, na cruz e no Calvário, Maria vive como que uma Eucaristia antecipada, a comunhão espiritual de desejo e oferta que se cumpre com a Paixão e no período pós-pascal, na sua participação na celebração eucarística presidida pelos Apóstolos como “memorial” da paixão (cf. *EE* 56). Aquele corpo entregue em sacrifício, e presente agora nas espécies sacramentais do pão e do vinho, faz ressoar em Maria aquele coração que ela carregou em seu ventre.

f) *Maria e a Igreja eucarística*

No relato da última ceia, Jesus expressa o desejo que se torna mandato: “*Fazei isto em memória de mim*” (Lc 22, 19); viver o memorial sacrificial da morte de Cristo em cada Eucaristia implica também receber continuamente este dom e renová-lo em sua memória. Significa levar, para cada fiel e cada comunidade, a exemplo de João, aquela que Cristo sempre de novo nos dá

como Mãe. Significa, ao mesmo tempo, assumir o compromisso de nos conformarmos com Cristo, no dizer de Paulo, de adquirirmos a estatura de Cristo, entrando na escola de Maria e aceitando a sua companhia de mulher, mãe e discípula (cf. *EE 57*). Maria está sempre presente, com a Igreja e como Mãe da Igreja, em cada uma das celebrações eucarísticas e não por menos é citada em primeiro lugar no memento da Igreja que já está na glória. Entre todos os santos, a Virgem Maria resplandece como modelo de santidade e de espiritualidade eucarística. Na tradição viva da Igreja, o seu nome é recordado com veneração em todas as anáforas da missa e com particular realce nas Igrejas orientais católicas.

Se a Igreja e Eucaristia são uma realidade indivisível, Maria e Eucaristia o são igualmente. O cristão que comunga bem assume com liberdade e responsabilidade o projeto de Deus revelado em Jesus Cristo como oferenda, oferta aos irmãos e irmãs numa atitude de serviço. Maria colocou-se como a serva do Senhor. Pela Eucaristia, a Igreja torna-se serva da missão, o sentido real e verdadeiro do *Ite missa est!*

g) *Maria no Magnificat e a Eucaristia como ação de graças*

Pela Eucaristia, a Igreja une os louvores de todos os homens e mulheres a Deus. Pode-se aprofundar esta verdade, re lendo o *Magnificat* numa perspectiva eucarística, verdadeira ação de graças, de dizer ao Senhor “muito obrigado”. O cântico de Maria é louvor e ação de graças, quando exclama: “*A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta de alegria em Deus meu Salvador*” (*Lc 1, 47*). Maria trouxe no seu ventre Jesus; louva o Pai por este Jesus, o Filho de Deus, mas louva-o também em Jesus e com Jesus. É nisso precisamente que consiste a verdadeira “atitude eucarística”. Aqui também está presente a tensão escatológica da Eucaristia, entre o já acontecido e o ainda não da consumação final; e precisamente assim a Igreja reza: *Anuncia-*

mos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!

Maria canta e proclama aquele novo céu e aquela nova terra, já profetizados pelos profetas, especialmente por Isaías, cuja antecipação, em certa medida, se encontra na Eucaristia. Se o *Magnificat* exprime a espiritualidade de Maria, nada melhor do que essa espiritualidade poder ajudar a Igreja a viver o mistério eucarístico. Recebemos o dom da Eucaristia, dom de fé proclamado e dom a ser descoberto constantemente, para que a vida dos fiéis e da Igreja, à semelhança de Maria, seja toda ela um *Magnificat*, um “*a minha alma engrandece o Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador*” (Lc 1, 47; cf. EE 58).

5 Maria, tipo e modelo da Igreja

Sob diversos aspectos, a Constituição dogmática sobre a Igreja, do Concílio Vaticano II, mostra em Maria a imagem ideal da Igreja. Entretanto, não se limita a esse ponto de vista, pois define a posição da Virgem Maria por uma tríplice relação: com relação à Igreja, Maria é “membro supereminente e de todo singular”, “tipo e modelo excelente na fé e na caridade”, “mãe amantíssima” (LG 53). Essas três qualidades, *membro, tipo e mãe*, nos fazem discernir a complexidade dos laços que unem Maria ao mistério de Cristo e da Igreja e, conseqüentemente, ao povo cristão. É precisamente isso o que augurava o Papa Paulo VI em um discurso, no qual ele frisava que a teologia e o culto mariais devem visar, com todas as forças, “um aprofundamento da compreensão e do amor dos mistérios marianos, antes que um esforço dialético de desenvolvimentos teológicos ainda discutíveis e mais aptos a dividir os ânimos que a uni-los”. A orientação cristocêntrica e eclesiológica, que justamente se presta “a colocar a ‘*bendita entre todas as mulheres*’ no seu esplendor mais alto e mais autêntico”, deverá imprimir à teologia e ao culto mariano – dizia o Papa – “o seu caráter pós-conciliar, renovador, modera-

dor, promotor do culto mariano católico; dar-lhe-á o mérito de buscar de novo as fontes verdadeiras e fecundas desse culto nas páginas da Sagrada Escritura, nos ensinamentos dos Padres, nas expressões litúrgicas, nas especulações dos Mestres, na doutrina tradicional da Igreja, tanto oriental como latina”⁴.

Se Maria é tipo e modelo para a Igreja, o é também para a vida de cada cristão. Sendo “a primeira e a mais perfeita discípula de Cristo”, a sua vida “tem um valor exemplar universal e permanente para todos nós” (Paulo VI, *Marialis cultus*, n. 35). Maria, porém, não é para os cristãos um modelo abstrato, inacessível e distante. É uma criatura como todos nós. Viveu uma vida “normal”, imersa no ambiente sociocultural do seu tempo e nas vicissitudes comuns de todos os dias. É virgem consagrada a Deus, mas também mãe, esposa. E se a Igreja no-la propõe como modelo, não é pelas suas prerrogativas especiais, mas porque, “nas condições concretas da sua vida, ela aderiu total e responsabilmente à vontade de Deus (cf. *Lc* 1, 38); porque soube acolher a sua Palavra e pô-la em prática; porque a sua ação foi animada pela caridade e pelo espírito de serviço...” (*idem*).

Ou, como diz o teólogo ecumenista Max Thurian, “a fé de Maria é de uma grande simplicidade e pureza”, porque “acolhe a palavra-promessa-acontecimento messiânico com um ato de fé pura: é a primeira crente da Nova Aliança, a mãe e o exemplo dos crentes na Igreja”⁵. Ainda mais: em tempo de terceiro milênio, o Evangelho (Boa-Nova) do Espírito que fecundou Maria de Nazaré deve “protagonizar” a solidariedade concreta de todas as pessoas de boa vontade; resgatar a presença de Maria na promoção da vida; garantir a palavra do Espírito na boca dos profetas menores e maiores que, como sempre, podem ser acolhidos ou perseguidos. A mulher de Nazaré dá testemunho dessas

⁴ *L'Osservatore Romano*, 02.02.1965; cf. *RevEclBras* 1965, p. 328-330.

⁵ M. THURIAN. *Maria, madre del Signore immagine della Chiesa*. Brescia, 1964, p.75-77.

qualidades humanas e divinas doadas pelo Espírito. Dá provas desse testemunho, quando Lucas evangelista apresenta Maria, que se dá pressa em ajudar Isabel a qual necessita de seu serviço para acolher o filho que está prestes a nascer. Nesse momento histórico, Maria prorrompe, sem mais medidas, com o cântico da libertação salvadora, o *Magnificat* (Lc 1, 46-55), porque o Todo-Poderoso fez nela maravilhas.

A profecia “...*doravante todas as gerações me chamarão de Bem-aventurada*” (Lc 1, 48), bem concreta na atualidade (só pensar quantos títulos Maria recebe como homenagem de seus filhos e filhas espirituais), ainda nos faz dizer que qualquer reformulação teológica da imagem de Maria precisa levar em conta as imagens, os nomes, os títulos (e, por sua vez, os incontáveis santuários marianos espalhados pelo mundo inteiro), na imaginação religiosa popular. Já que todos os fiéis adotam alguns aspectos da religião popular em sua vida de devoção, a piedade popular precisará de uma Maria que seja celeste purificadora, intercessora, profetisa, consoladora, amiga e companheira. O que os teólogos e os liturgos ignoram, algumas vezes, o povo comum fornece: é provável que locais de aparições como Guadalupe (1531), Paris - Medalha Milagrosa (1830), La Salette (1851), Lourdes (1858), Fátima (1917) sempre estejam conosco e arrastem atrás de si milhares de homens e mulheres, jovens e adultos.

Concluindo...

De Maria temos que nos aproximar com o coração emocional, não no sentido moderno, mas bíblico, do coração que intui, adivinha, descobre, discerne e decide. Deve-se levar em conta a lei do amor. Assim, a devoção a Maria é fruto do afeto, da admiração, do entusiasmo e da exaltação. São João Damasceno confessa: “*Que haverá de mais doce do que a Mãe de Deus? Ela cativou meu espírito, seduziu minha língua; penso nela dia e noite*”.

Para o amor, tudo o que se refere à pessoa amada é confiável, digno de fé. As mais profundas intuições mariológicas surgiram de um entranhado amor a Maria; no entanto, deve-se evitar uma carga emocional excessiva, pois nos alertam São Bernardo e São Boaventura, dois grandes expoentes de reflexão sobre Maria, que a Virgem não precisa de nossas mentiras para se fazer honrar. Portanto, o mistério de Maria na Igreja leva em consideração o campo da razão e o campo da emoção, e é preciso ter mais dons para se oferecer do que dogmas para se impor, e entra-se nisso no campo da experiência. Assim é preciso levar em consideração as seguintes dimensões:

a) *Intellectual*: compreender corretamente o lugar e a missão de Maria na História da Salvação;

b) *Espiritual*: crescer em amor e em piedade para com a Mãe do Senhor;

c) *Moral*: ser levado a imitá-la como exemplo de vida, especialmente de fé, de amor e de solidariedade;

d) *Cultural*: poder celebrá-la de modo adequado na liturgia e nas práticas da devoção popular;

e) *Pastoral*: ser capaz de comunicar o sentido da Virgem Maria ao Povo de Deus e à sociedade de hoje.

No ano da Eucaristia, que se encerra, sustentada por Maria, a mulher eucarística, que encarnou com toda a sua existência a lógica da Eucaristia, a Igreja deve encontrar novo ardor para a missão e reconhecer sempre mais a Eucaristia como a fonte e o vértice de toda a vida cristã e da própria missão da Igreja. E, por isso, podemos continuar pedindo: *Rogai por nós, Santa Mãe de Deus! Para que sejamos dignos das promessas de Cristo!*